

Análise da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta Básica de Alimentos

CONAB E DIEESE

CURITIBA
ABRIL DE 2026



DIEESE
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS



Conab

Companhia Nacional de Abastecimento

Análise da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta Básica de Alimentos

CONAB E DIEESE

CURITIBA
ABRIL DE 2026



MAIO DE 2026

Curitiba, 11 de maio de 2026.

ANÁLISE MENSAL

Pelo segundo mês consecutivo, o custo da cesta básica aumenta em todas as 27 capitais

Em 2024, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) firmaram parceria para acompanhamento dos preços da cesta básica de alimentos, como contribuição à Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e à Política Nacional de Abastecimento Alimentar.

A parceria permitiu a ampliação da coleta de preços de alimentos básicos de 17 para 27 capitais brasileiras. Os resultados da Pesquisa nas 27 capitais começaram a ser divulgados em agosto de 2025.

O valor do conjunto dos alimentos básicos subiu nas 27 capitais onde o DIEESE, em parceria com a Conab, realiza mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos. Entre março e abril de 2026, as elevações mais importantes ocorreram em Porto Velho (5,60%), Fortaleza (5,46%), Cuiabá (4,97%), Boa Vista (4,36%), Rio Branco (4,05%) e Teresina (4,02%).

São Paulo foi a capital onde o conjunto dos alimentos básicos apresentou o maior custo (R\$ 906,14), seguida por Cuiabá (R\$ 880,06), Rio de Janeiro (R\$ 879,03) e Florianópolis (R\$ 847,26). Nas cidades do Norte e do Nordeste¹, onde a composição da cesta é diferente, os menores valores médios foram registrados em Aracaju (R\$ 619,32), São Luís (R\$ 639,24), Maceió (R\$ 652,94) e Porto Velho (R\$ 658,35).

Em 12 meses ou entre abril de 2025 e abril de 2026, o custo da cesta ficou maior em 18 capitais e menor em outras nove. As altas mais expressivas foram registradas em Cuiabá (9,99%), Salvador (7,14%) e Aracaju (6,79%). Já as quedas variaram entre -4,84%, em São Luís, e -0,34%, em São Paulo.

No acumulado dos quatro primeiros meses de 2026, as 27 capitais tiveram alta nos preços da cesta, com taxas entre 1,56%, em São Luís, e 14,80%, em Aracaju.

¹ No Norte e Nordeste, a quantidade de carne pesquisada é menor; não se coleta o preço da farinha de trigo, como nas capitais das demais regiões, mas o da farinha de mandioca; e não se pesquisa a batata.

Com base na cesta mais cara, que, em abril, foi a de São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em abril de 2026, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria ter sido de **R\$ 7.612,49** ou 4,70 vezes o mínimo de R\$ 1.621,00. Em março, o valor necessário era de R\$ 7.425,99 e correspondeu a 4,58 vezes o piso mínimo. Em abril de 2025, deveria ter ficado em R\$ 7.638,62, ou 5,03 vezes o valor vigente na época, que era de R\$ 1.518,00.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 27 capitais
Brasil – Abril de 2026

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
São Paulo	906,14	2,51	60,43	122h59m	7,12	-0,34
Cuiabá	880,06	4,97	58,69	119h26m	11,22	9,99
Rio de Janeiro	879,03	1,27	58,62	119h18m	10,98	3,45
Florianópolis	847,26	2,78	56,51	114h59m	5,74	-1,27
Campo Grande	826,89	2,60	55,15	112h13m	6,57	2,71
Porto Alegre	811,82	1,50	54,14	110h11m	3,52	-2,69
Vitória	810,45	2,56	54,05	109h59m	11,44	2,22
Curitiba	796,10	3,44	53,09	108h03m	7,89	0,30
Belo Horizonte	793,75	1,20	52,94	107h44m	9,75	4,12
Goiânia	787,08	3,50	52,49	106h49m	8,42	2,56
Brasília	768,22	2,92	51,23	104h16m	7,56	-0,98
Fortaleza	767,67	5,46	51,20	104h11m	13,39	2,83
Palmas	734,53	2,38	48,99	99h41m	8,40	-1,64
Belém	727,70	3,86	48,53	98h46m	9,17	0,21
Boa Vista	709,68	4,36	47,33	96h19m	8,82	-1,31
Manaus	697,29	3,22	46,50	94h38m	12,39	3,80
Teresina	695,68	4,02	46,40	94h25m	7,84	3,05
Macapá	694,88	3,40	46,34	94h19m	6,72	5,20
Salvador	677,25	2,28	45,17	91h55m	11,49	7,14
João Pessoa	676,44	3,60	45,11	91h49m	13,18	5,44
Recife	672,75	2,77	44,87	91h18m	12,86	3,07
Natal	669,39	2,39	44,64	90h51m	12,10	1,89
Rio Branco	667,14	4,05	44,49	90h32m	6,55	-1,57
Porto Velho	658,35	5,60	43,91	89h21m	11,21	-1,14
Maceió	652,94	1,27	43,55	88h37m	10,73	4,88
São Luís	639,24	0,79	42,63	86h46m	1,56	-4,84
Aracaju	619,32	3,49	41,30	84h03m	14,80	6,79

Fonte: Conab/DIEESE

Cesta x salário mínimo

Em abril de 2026, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 100 horas e 52 minutos, maior do que o registrado em março, quando ficou em 97 horas e 55 minutos. Já em abril de 2025, a jornada média foi de 105 horas e 43 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto de 7,5% referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu em média, nas 27 capitais, em abril de 2026, 49,57% do rendimento para adquirir os produtos alimentícios básicos e, em março, 48,12% da renda líquida. Em abril de 2025, o percentual médio ficou em 51,95%.

Principais variações dos preços dos produtos da cesta²

O preço do **leite integral** aumentou em todas as 27 cidades, entre março e abril. As elevações ficaram entre 1,63%, em Macapá, e 15,70%, em Teresina. Em 12 meses, o preço do leite integral subiu em 14 capitais. As principais altas foram verificadas no Rio de Janeiro (6,13%) e em Manaus (6,07%). Houve queda em 13 municípios, com destaque para as variações de São Luís (-10,52%) e Macapá (-8,77%). A redução da oferta no campo, devido à entressafra, elevou os preços dos derivados lácteos.

O preço da **batata** aumentou em todas as cidades do Centro-Sul, onde é pesquisado. As elevações ficaram entre 4,66%, em Vitória, e 19,57%, em Campo Grande. Em 12 meses, o preço do produto teve alta em cinco dessas 11 capitais, com destaque para a variação de Vitória (15,42%). Em outros seis municípios, o preço diminuiu. O principal percentual de redução foi verificado em Porto Alegre (-10,37%). A restrição de oferta do tubérculo pelo final da safra explica a elevação no varejo.

Entre março e abril, o valor médio do feijão aumentou em 26 cidades. O grão preto, pesquisado nos municípios do Sul, Rio de Janeiro e Vitória, apresentou alta em quase todas essas capitais, com percentuais entre 3,51%, em Curitiba, e 6,87%, em Florianópolis. Em Vitória, o preço médio não variou. Em 12 meses, as cinco cidades apresentaram redução de preços no grão preto: Florianópolis (-26,22%), Curitiba (17,97%), Vitória (-14,34%), Porto Alegre (-13,78%) e Rio de Janeiro (-13,20%). Para o grão carioca, coletado nas demais cidades, os aumentos ficaram entre 0,62%, em Goiânia, e 17,86%, em Palmas. Em São Luís, não houve variação no preço médio. Foi registrada queda em Belo Horizonte (-1,07%). Em 12 meses, todas as capitais mostraram alta no valor médio, as mais expressivas registradas em Belém

² Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab-Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

(50,00%), Teresina (35,14%) e Campo Grande (34,50%). A demanda sustentou o preço do feijão carioca e impactou também o valor comercializado do grão preto.

O preço do **tomate** aumentou em 25 cidades, com taxas entre 1,75%, em Recife, e 25,58%, em Fortaleza. As diminuições ocorreram no Rio de Janeiro (-7,92%) e em Belo Horizonte (-1,32%). Em 12 meses, o preço médio do tomate foi maior em 15 capitais, com destaque para João Pessoa (18,96%) e Aracaju (16,14%). As demais capitais tiveram redução do valor médio, com destaque para Porto Alegre (-26,15%), São Luís (-20,93%) e São Paulo (-15,30%). As altas resultaram da menor oferta no período entre as safras de verão e de inverno.

O quilo do **pão francês** apresentou alta de preço em 22 das 27 capitais. As maiores elevações ocorreram em Palmas (4,00%) e Brasília (1,64%). Em Aracaju, o preço não variou. Em quatro cidades, foram registradas reduções, com destaque para o percentual de Curitiba (-1,04%). Em 12 meses, o valor aumentou em 24 municípios. As maiores altas ocorreram em Cuiabá (15,49%) e Macapá (12,34%). Os valores do trigo em grão seguiram com oferta restrita e alta demanda, o que provocou aumento do custo das farinhas.

O preço da **carne bovina de primeira** subiu em 22 das 27 cidades, com aumentos entre 0,51%, em Porto Alegre, e 4,78%, em Cuiabá. As cidades com redução foram: Salvador (-1,32%), São Luís (-1,02%), Palmas (-0,86%), Maceió (-0,25%) e Aracaju (-0,05%). Em 12 meses, o preço acumulou aumentos entre 1,14%, em Brasília, e 14,70%, em Manaus. As altas no varejo foram sustentadas pela demanda externa aquecida e pela oferta restrita de animais prontos para abate.

O valor do quilo do **café em pó** ficou menor em 22 das 27 cidades, com as reduções mais expressivas em Cuiabá, -4,56% e Rio Branco, -3,80%. A maior alta ocorreu em Manaus (2,36%). Em 12 meses, 24 cidades apresentaram preço médio menor, com destaque para as variações de Brasília (-20,00%) e Belo Horizonte (-17,38%). Entre as seis capitais com aumento, foi em Boa Vista (11,43%) que se verificou o maior aumento. A proximidade da safra, o menor volume exportado e as incertezas mundiais reduziram os preços do grão também no varejo.

O preço do **arroz** aumentou em 21 das 27 cidades pesquisadas entre março e abril, com altas entre 1,59%, em Brasília, e 13,73%, em Vitória. Em Maceió e São Luís, o valor médio não se alterou. Houve queda em quatro cidades: Teresina (-3,91%), Florianópolis (-3,60%), Boa Vista (-1,57%) e Natal (-0,46%). Em 12 meses, o preço do arroz caiu em todas as capitais, com percentuais entre -36,33%, em Florianópolis, e -11,66%, em Aracaju. Em março, os preços do arroz no atacado estavam altos, devido à demanda firme e à menor oferta. Em abril, mesmo com a colheita iniciada, o orizicultor disponibilizou poucos lotes de arroz para venda, à espera de melhores preços, o que diminuiu o volume comercializado.

Curitiba

- Valor da cesta: R\$ 796,10.
- Variação mensal (abr/2026 / mar/2026): 3,44%.
- Variação no ano (abr/2026 / dez/2025): 7,89%.
- Variação em 12 meses (abr/2026 / abr/2025): 0,30%.
- Jornada necessária para comprar a cesta básica: 108 horas e 03 minutos.
- Percentual do salário-mínimo líquido gasto para compra dos produtos da cesta para uma pessoa adulta: 53,09%.

Em abril de 2026, o preço da cesta básica de Curitiba apresentou alta de 3,44% em relação a março. O custo foi de R\$ 796,10. Em 12 meses, o preço acumulou elevação de 0,30%. Na variação acumulada ao longo do ano, houve alta de 7,89%.

Entre março e abril, sete dos 13 produtos que compõem a cesta básica tiveram aumento nos preços médios: tomate (21,10%), batata (14,65%), leite integral (12,50%), arroz agulhinha (4,42%), feijão preto (3,51%), farinha de trigo (2,25%) e carne bovina de primeira (2,16%). Açúcar refinado manteve-se estável. Os outros cinco produtos apresentaram queda de preço: banana (-4,45%), óleo de soja (-2,11%), café em pó (-2,06%), manteiga (-1,38%) e pão francês (-1,04%).

No acumulado dos últimos 12 meses, foram registradas elevações em quatro dos 13 produtos: carne bovina de primeira (9,48%), banana (4,49%), pão francês (3,13%) e leite integral (0,96%). O preço de óleo de soja manteve-se estável. Apresentaram diminuição de preços: arroz agulhinha (-26,74%), feijão preto (-17,97%), café em pó (-14,52%), tomate (-13,45%), manteiga (-7,39%), batata (-6,36%), farinha de trigo (-6,19%) e açúcar refinado (-4,70%).

No acumulado do primeiro quadrimestre de 2026, seis produtos registraram alta: tomate (71,29%), batata (32,89%), leite integral (17,10%), feijão preto (9,37%), carne bovina de primeira (5,13%) e pão francês (1,57%). Os seguintes produtos apresentaram queda de preço: banana (-7,82%), óleo de soja (-7,61%), café em pó (-6,47%), açúcar refinado (-5,12%), farinha de trigo (-3,54%), arroz agulhinha (-2,83%) e manteiga (-1,29%).

Em abril de 2026, o trabalhador de Curitiba remunerado pelo salário mínimo de R\$ 1.621,00 precisou trabalhar 108 horas e 03 minutos para adquirir a cesta básica. Em março de 2026, o tempo de trabalho necessário havia sido de 104 horas e 27 minutos. Em abril de 2025, quando o salário mínimo era de R\$ 1.518,00, o tempo de trabalho necessário era de 115 horas e 02 minutos.

Considerando o salário mínimo líquido, após o desconto de 7,5% da Previdência Social, o mesmo trabalhador precisou comprometer, em abril de 2026, 53,09% da renda para adquirir a cesta. Em março de 2026, esse percentual correspondeu a 51,33% da renda líquida e, em abril de 2025, a 56,53%.

Análise da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta Básica de Alimentos

CONAB E DIEESE

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE

Escritório Nacional: rua Aurora, 957, Santa Efigênia, São Paulo – SP – CEP 01209-001

www.dieese.org.br

Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB

SGAS 901, Bloco A, Lote 69, Ed. Conab – Asa Sul – Brasília - DF – CEP 70390-010

www.gov.br/conab

DIEESE



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
SOCIAL E
COMBATE À FOME

